

Trabalho final, Teoria da Imagem II

David Silva (Minor FCUL nº51647)

A Imagem – Relação e presença no mundo

Introdução

Tendo como base na criação deste trabalho a abordagem de Bragança de Miranda no seu livro “O corpo e a Imagem” sobre o conceito de Imagem e a sua relação com o mundo, mas não descartando outras reflexões feitas por diversos autores, como John Berger na sua obra “Ways of seeing” que fomos lendo durante a cadeira de Teoria de Imagem II, gostaria de explorar as diferenças nas diferentes interpretações da Imagem e dos tipos de imagem falados nas obras mencionadas, não esquecendo ainda as diferentes fases presentes na visualização de uma imagem e na interpretação do seu significado.

Desenvolvimento – exploração do conceito de imagem

Quando se fala no conceito de Imagem, podemos perceber que existe sempre uma associação da mesma às fases necessárias de observação e interpretação de modo a que seja possível interpretar um significado delas, podemos até falar do simples sinal proibido presente em qualquer estrada pelo mundo fora, que para além de poder ser uma imagem, contém também um sentido universal para qualquer ser humano que já esteja estado exposto a essa convenção social. Assim, podemos também pensar que nos olhos inocentes (observação inocente) de uma criança recém-nascida, esse sinal de trânsito não tem qualquer significado e seria à partida impossível a criança observar esse sinal de uma outra forma que não inocente, fazendo referência a John Berger quando dizia que não existe observação “inocente” porque sempre que observamos estamos a relacionar as imagens com tudo o que está ao nosso redor e com as nossas experiências (bagagem cultural), embora aceite que o olhar da criança é “inocente” porque está pouco formatado a convenções sociais e porque estas, dependendo da sua idade, podem ainda não possuir uma bagagem cultural que as permita criar esse tipo de associações e retirar um significado plausível da sua observação.

Bragança de Miranda defende um ponto que achei interessante, citando-o “No princípio, não era o verbo, mas as imagens, ainda sem homens. Assinaladas por estes, inaugura-se a história” (Bragança de Miranda, 2017) onde, na minha ótica, defende que foi através das imagens, dos registos feitos na forma de imagem que se criou a história, sem estes a história nunca seria

assinalada da mesma forma devido à força que as imagens têm na credibilidade de um acontecimento, que sem estas, nunca seríamos capazes de “ver”. Em parte, concordo com esta afirmação porque apesar de não se poder olhar para a questão de uma forma linear, é notável que quando procuramos registos históricos de um dado acontecimento estejamos imediatamente à procura de imagens, de algum registo que possamos ver com os próprios olhos e que nos confirme que realmente aquele acontecimento se deu, mas claro, tal como referi, não podemos olhar para esta ideia de uma forma tão linear assim porque sabemos que temos conhecimento de acontecimentos históricos muito antes de existirem registos imagéticos, simplesmente é inegável que é a forma mais completa de registar um dado acontecimento, porque nada é mais detalhado que uma imagem, já dizia o velho ditado “Uma imagem vale mais do que mil palavras”.

Outra afirmação que acaba por fazer sentido neste contexto, retirada da interpretação do “Ways of seeing” de John Berger numa das aulas é a de que nós, seres humanos, procuramos sempre validar as nossas crenças, valores e ideias com imagens devido ao valor ontológico fortíssimo das imagens, as imagens têm existência porque se projetam para fora de si (projeção transmite a noção de existência), são ainda constantemente observadas, o que permite a criação de relações de intersubjetividade e consequentemente o estabelecimento de relações pelo mundo fora.

“A imagem é «nada» no ponto de vista das coisas, da matéria, mas é «tudo» porque é ela que constitui o plano onde a existência decorre” (Bragança de Miranda, 2017), novamente, uma citação de Bragança de Miranda que considero interessante pela seguinte separação entre a existência de algo devido à sua existência material e a existência devido ao conteúdo que esta contém. De certo modo, tanto esta, como a primeira citação que fiz de Bragança de Miranda defendem que a imagem é que dita o plano da sua existência, afinal, uma imagem pode ser mais do que uma fotografia impressa, tirada num determinado momento para assinalar um determinado acontecimento (como diz John Berger, uma imagem é uma visão que foi criada ou produzida de forma a seleccionar uma porção da realidade que queremos guardar – que comprova a realidade de um determinado acontecimento), pode também ser uma imagem mental, algo que retemos apenas na nossa mente, ainda que possa ter o mesmo objetivo de guardar ou reter para no futuro recordar, algo que nos dá a possibilidade de nos relacionarmos com as imagens todas que vamos observando e algo que nos dá a possibilidade de pensar ou de imaginar porque ambos estes processos dão-se pelo surgimento de imagens na nossa mente e pela criação de imagens que não existem mas que surgem através das imagens que retivemos

durante a constante observação que fazemos do mundo e que também só é possível devido à percepção.

Podemos também olhar para a imagem no ponto de vista de uma obra de arte, uma vez que apesar de o autor criar uma imagem como obra (por exemplo uma pintura) com o seu significado próprio e que representa algo aos seus olhos, esta, pode ser interpretada pelos demais observadores de formas diferentes, os observadores, novamente através da sua bagagem cultural e também do seu gosto pessoal, considerando que uma obra de arte pode ser bonita, autêntica (cujo termo não deve ser interpretado com o mesmo significado de verdadeira, porque é possível algo verdadeiro não ser autêntico e vice-versa) ou qualquer outro adjetivo que seja resultado da observação dessa obra, porque apesar de tudo, quando olhamos para uma obra de arte, o significado que nela vemos não passa de uma interpretação feita por nós, baseada no nosso conhecimento, na nossa identidade e que nada poderá ter a ver com a intenção do artista ou a interpretação do mesmo quando a criou.

Referências Bibliográficas

BRAGANÇA DE MIRANDA, José. *Corpo e Imagem*, Lisboa: Nova Veja 3ª edição, 2017.

BERGER, John. *Ways of Seeing*, Londres: Penguin Books, 1972.

ALEXANDRE E CASTRO, Paulo. A Imagem a partir de Bragança de Miranda (2020) [Registo vídeo]. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xO8HRHYPwto>>. Consultado em: 25-05-2020.